

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO DE SOFRIMENTO PSÍQUICO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM UMA SOCIEDADE CAPITALISTA

Wellington de Souza Nisterac (Departamento de Psicologia; Universidade Estadual de Maringá; Maringá-PR; Brasil).

Rosana Aparecida Albuquerque Bonadio (Departamento de Psicologia; Universidade Estadual de Maringá; Maringá-PR; Brasil).

contato: wellingtonnisterac@outlook.com

Palavras-chave: Sofrimento psíquico. Trabalho. Estudantes universitários. Psicologia histórico-cultural.

Muitas vezes, o cotidiano institucional ocasiona sofrimentos que colocam em risco a saúde psíquica e física do próprio estudante e sua futura atuação, sendo necessário o estudo acerca do sofrimento psíquico em estudantes universitários. Neste sentido, este estudo de caráter bibliográfico surgiu de uma inquietação do autor sobre tal temática, tão pouco discutida no ambiente acadêmico ao qual está inserido e, acredita-se que em outras instituições de ensino superior o quadro não seja diferente.

Produz-se muito sobre o sofrimento vivenciado por trabalhadores e, em certa medida, por professores de todas as categorias, mas e nós, estudantes universitários, futuros profissionais, somos objetos de pesquisas nessa área? Investiga-se como se dá o processo da graduação para essa categoria? Produz-se algo para compreender a nossa realidade e melhorar a nossa relação com a universidade e com as outras pessoas? Afinal, não é esse o objetivo da ciência moderna, melhorar a vida das pessoas? Diante dessas discussões e questionamentos, sentimos a necessidade de compreender como deslocam-se as pesquisas sobre esta temática e, afinal, o que se tem produzido sobre o sofrimento psíquico em estudantes universitários?

Para tanto, recorreu-se ao método do Materialismo Histórico-Dialético e a Psicologia Histórico-Cultural, como base para as análises que se deram a partir de uma revisão bibliográfica, a fim de compreender como o sofrimento é produzido em uma sociedade capitalista. Desta forma, foi realizada uma busca nas bases de dados SciElo e Biblioteca Virtual em Saúde BVS-Brasil utilizando os descritores “sofrimento psíquico” e “universitários”.

Inicialmente, discutimos sobre o papel do trabalho no desenvolvimento da consciência humana, pois, ao nascer, ainda não temos o necessário para viver em sociedade, precisamos aprender a sermos humanos e esse aprendizado se dá por meio do trabalho. A partir do trabalho,

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

o ser humano transmite para outras gerações conhecimentos e técnicas construídos e elaborados histórica e socialmente, utilizando-se da linguagem que, juntamente com o trabalho, desempenha um papel de fundamental importância para o desenvolvimento da consciência humana. (LEONTIEV, 2004; LURIA, 1991). Após compreendermos a importância que o trabalho tem para o desenvolvimento da consciência, foi possível, então, pensarmos o que se caracteriza como trabalho e quais significados ele recebeu historicamente.

Para Marx (2013, p. 211) O trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza [...]. Este processo, por sua vez, diferencia-se do processo realizado por animais, por exemplo. No caso do ser humano, ele se dá de forma teleológica, isto é, o indivíduo elabora a atividade que realizará antes mesmo de iniciá-la, já pensando nos objetivos que pretende atingir com ela e elaborando em sua consciência como ela será disposta e organizada.

Para os gregos, a palavra “ócio” tinha uma conotação essencialmente física: trabalho era toda a atividade que fazia o indivíduo transpirar, exceto o esporte e, quem trabalhava, naquele período, ou era escravo ou era estrangeiro. As atividades consideradas não-físicas – política, estudo, poesia, filosofia – eram ociosas, ou seja, expressões intelectuais, valorizadas, desejadas e dignas somente daqueles tidos como cidadãos (DE MASI, 2000).

Sabendo, então, a importância do trabalho para o desenvolvimento da consciência, podemos avançar na discussão de duas categorias muito bem postuladas por Marx, o trabalho alienado e a divisão do trabalho manual e trabalho intelectual.

Em relação ao trabalho manual, o processo de alienação se dará por meio da divisão do trabalho, advinda da consolidação do modo de produção capitalista e da segmentação das manufaturas, onde cada processo passou a ficar sob responsabilidade de um indivíduo, de forma fragmentada e especializada. Essa divisão favorece a alienação da consciência, porque o sujeito não se reconhece mais no produto final, na atividade que realiza, muitas vezes de caráter reduzido, repetitivo, não produz identidade e não proporciona desenvolvimento (MARX, 2013).

É preciso ponderar, porém, que não existe trabalho unicamente manual e trabalho unicamente intelectual. O que acontece, no entanto, é que devido a especialização, alguns trabalhadores ficarão responsáveis por organizar o trabalho, outros, por sua vez, cumprirão ordens para satisfazer necessidades que não lhes pertence de forma direta e imediata.

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

Com relação ao trabalho intelectual na modernidade, Lowy (1979, p. 1) caracteriza os intelectuais como “[...] uma categoria social definida por seu papel ideológico: eles são produtores diretos da esfera ideológica, os criadores de produtos ideológico-culturais”, pois não se configuram como uma classe social, mas se encontram nas esferas extraeconômicas da estrutura social. A essa categoria correspondem, segundo o autor “[...] escritores, artistas, poetas, filósofos, sábios, pesquisadores, publicistas, teólogos, certos tipos de jornalistas, certos tipos de professores, estudantes, etc.” Não transformam o instrumento de seus trabalhos em mercadorias diretas e, em capital, não movimentando a economia do sistema de modo imediato, mas, têm como produto, no caso do trabalho realizado dentro da universidade, as ideias, teorias e metodologias que podem se dar de maneira reprodutiva ou contra reprodutiva, a depender da forma como tal trabalho é organizado e estruturado.

Logo, o que podemos concluir é que o trabalho realizado dentro das Universidades para o Estado, não significa investimento, mas despesa. O ato de criar algo, seja como trabalho manual ou trabalho intelectual, envolve rupturas. Dessa forma, o processo de criação implica corte e este corte, por sua vez, pode apresentar-se em forma de sofrimento, entendendo que tal sofrimento não se origina de uma causa única, mas é multideterminado. Não se manifesta de forma universal para todo sujeito, mas depende da história de cada um, das assimilações e apropriações que tem do mundo e das possibilidades que tem de expressá-lo ou não (BRANT E MINAYO-GOMÉZ, 2007).

Ao longo da história, o sofrimento psíquico recebeu diferentes significações e destinos. Da estigmatização, exclusão, discriminação, à patologia da ciência moderna, sendo, portanto, direcionado aos hospícios e aos hospitais, enquanto instituições de normatização, onde profissionais detentores de um saber-poder irão dizer ao sujeito aquilo que ele está vivenciando e prescrever um tratamento medicamentoso como se tal sofrimento fosse algo que precisasse ser eliminado (FOUCAULT, 1979, 1998).

A este respeito, em nossa sociedade, há um processo de transformação do sofrimento em adoecimento, por meio de um conjunto de práticas sustentadas pela medicina científica. Como uma relação causal, onde o sofrimento manifesta-se por uma determinada doença e, conseqüentemente, tem que ser medicalizado, constituindo a medicalização do sofrimento, que, constitui-se como a medicalização da vida (BRANT & MINAYO-GOMÉZ, 2007). Tais práticas são pautadas, na questão da produtividade exigida pelo modo de produção capitalista. Se o sujeito apresenta algum sofrimento, o qual não consegue categorizá-lo ou explicá-lo não

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

será possível eliminá-lo, o que prejudicará seu desempenho no ambiente de trabalho, ou seja, comprometerá o lucro. Por isso, o sofrimento transforma-se em adoecimento, assim, posso tratá-lo, medicá-lo, nomeá-lo e, portanto, manter o trabalhador ativo e a produção constante.

Em relação às produções científicas que versam do sofrimento entre universitários, localizamos em nossa pesquisa 6 artigos (4 da área da psicologia e 2 da área da saúde) encontrados nas bases de dados SciElo e BVS-Brasil, que confirmaram a hipótese inicial de que há poucas produções sobre este tema voltado à categoria do estudante universitário. Mais ainda, destacaram a importância de compreender o sofrimento enquanto fruto de múltiplos fatores e apontaram, de forma unânime, a relevância da criação de políticas de acolhimento e assistência psicológica ao estudante.

Poucas são as instituições de ensino superior que oferecem tais programas. Segundo levantamento realizado por Assis e Oliveira (2010, apud ANDRADE et al., 2016), entre os anos de 1999 e 2000, com 40 IES públicas brasileiras, constatou-se que somente 34% ofereciam algum tipo de atendimento à saúde mental dos estudantes universitários, o que significa 13 instituições em todo o território nacional. Alguns artigos apresentam, ainda, certas consequências da manifestação desse sofrimento, como a evasão escolar (2 artigos), o suicídio (3 artigos), a medicalização (2 artigos) e o uso de álcool e outras substâncias psicoativas (3 artigos). A partir de tais expostos, reforçamos, como aspecto de fundamental relevância, a criação e o incentivo de projetos de assistência e permanência estudantil que incluam serviços de atendimento psicológico ao estudante universitário.

Enfim, reconhecemos as limitações desta pesquisa, pelo fator tempo, por não englobar muitas bases de dados, o que por si só já limita o número de materiais encontrados, por não considerar materiais outros que não fossem artigos em língua portuguesa e por não ir a campo e coletar relatos de vivências de estudantes, por meio de entrevistas. Portanto, faz-se relevante a realização de novos estudos, a partir da literatura revista neste, de modo que esgote o tema e sirva de instrumento para a reivindicação de programas voltados à saúde mental do estudante universitário.

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

Referências

ANDRADE, A. S. et al. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 831-846, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000400831&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2017.

BRANT, L. C.; MINAYO-GOMÉZ, C. Dispositivos de transformação do sofrimento em adoecimento numa empresa. **Psicologia em Estudo**, vol. 12, n.3, p. 465-473. Maringá, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n3/v12n3a03>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

DE MASI, D. **O ócio criativo**; entrevista a Maria Serena Palieri. Tradução de Léa Manzi. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LOWY, M. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários**. São Paulo: LECH, 1979.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política (vol. I). Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.